

SEMINAR IN ZÄHRINGEN: ASPECTOS DA CRÍTICA HEIDEGGERIANA À FENOMENOLOGIA DE HUSSERL

SEMINAR IN ZÄHRINGEN: HEIDEGGERIAN CRITICAL ASPECTS OF THE PHENOMENOLOGY OF HUSSERL

Túlio Tibério Quirino de Medeiros*

RESUMO: o objetivo deste artigo é apresentar e analisar o alcance e as limitações das considerações críticas feitas por Heidegger à fenomenologia de Husserl no *Seminário de Zähring (Seminar in Zähringen)*, bem como analisar a apropriação de conceitos husserlianos empreendida por Heidegger em favor de sua obra máxima *Ser e Tempo (Sein und Zeit)* de modo que possamos afirmar que não há uma ruptura entre as fenomenologias dos autores, mas uma apropriação que envolve uma metodologia peculiar, a qual deve ser tida em consideração para a compreensão do que afirmamos.

PALAVRAS-CHAVE: Fenomenologia. Intuição categorial. Intuição sensível. Ontologia.

ABSTRACT: The objective of this paper is to present and analyze the scope and limitations of the criticisms made by Heidegger in the phenomenology of Husserl *Seminar in Zähringen*, and examine the concepts of ownership Husserl's undertaken by Heidegger in favor of his maximum *Being und Time (Sein und Zeit)* so that we can say that there is a break between the phenomenology of the authors but an ownership that involves a unique methodology, which should be taken into consideration for the understanding of what we say.

KEYWORDS: Phenomenology. Categorial intuition. Intuition sensitive. Ontology.

I.

O *Seminar in Zähringen*¹ inscreve-se em um programa de palestras proferidas por Heidegger cuja questão central e comum é a da indagação acerca do ser e seu sentido, bem como das vias de acesso a um questionamento possível do ser. Se, em 1968, em Thor, Heidegger procurava encontrar resposta para suas perguntas a partir da filosofia de Hegel, em

* Doutorando em Filosofia – UFRJ/Capes. Contato: tuliustiberius@hotmail.com

¹ HEIDEGGER, M. *Vier Seminare: Seminar in Le Thor*, 1966, 1968, 1969; *Seminar in Zähringen* 1973, Vittorio Klostermann, Frankfurt am Main, 1977.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 330-346
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

1969, na cidade de Freiburg, a resposta é buscada a partir da filosofia kantiana, e em 1973, no *Seminar in Zähringen*, Heidegger tenta uma outra via: a fenomenologia de Husserl.

O *Seminar in Zähringen* tem início com uma questão formulada por Jean Beaufret: “Em que medida podemos dizer que não há em Husserl uma questão do ser?” A resposta de Heidegger é imediata. Segundo o filósofo da Floresta Negra, em sentido rigoroso não se pode afirmar que Husserl se tenha ocupado da questão do ser. No entanto, no sexto capítulo da *Sexta Investigação Lógica*², intitulado “Sensibilidade e Entendimento”, Husserl ter-se-ia aproximado da questão do ser quando explicita a *intuição categorial*, conceito que Heidegger considera “(...) o ponto delicado e ardente do pensamento husserliano.”³ A este conceito Husserl teve acesso partindo da intuição sensível, por isto Heidegger indaga: que significa intuição sensível e qual o ponto de partida para a análise desta intuição? De acordo com Heidegger, na determinação do que é a intuição sensível Husserl parte da *hylé*, ou seja, do que afeta sensivelmente, ou seja dos dados sensoriais. Partindo destes dados na percepção aparece o objeto. Porém, este não é dado na impressão sensível já que a objetividade – do objeto – não pode ser percebida sensivelmente, pelo que o fato de que o objeto seja objeto não resulta da intuição sensível, mas da consciência que o constitui enquanto tal em um ato intencional. Na linguagem filosófica tradicional um objeto é uma coisa. Uma coisa é uma substância, e substância na filosofia kantiana é uma categoria do entendimento. Recordando Kant e a revolução empreendida por ele, a coisa pode ser conhecida e a categoria substância permite colocar em forma os diversos dados *hyléticos* da sensibilidade. Assim sendo, para Kant o

² A “*Sexta Investigação Lógica*” é considerada por Heidegger o ponto “quente” da fenomenologia, consideração compartilhada pelo próprio Husserl, pois no Prefácio à segunda edição das *Logische Untersuchungen* o autor afirma: „Den ersten Abschnitt, den ich auch in Einzelheiten nicht überarbeiten konnte, ohne den Stil des Ganzen zu gefährden, habe ich fast wörtlich wieder abdrucken lassen. Dagegen habe ich in den mir besonders werten zweiten Abschnitt über „Sinnlichkeit und Verstand” vielfach mit bessernden Textgestaltungen eingegriffen. Ich bin noch immer überzeugt, daß das Kapitel über „sinnliche und kategoriale Anschauung” in Verbindung mit den vorbereitenden Ausführungen der vorangegangenen Kapitel einer phänomenologischen Aufklärung der logischen Evidenz (und damit *eo ipso* auch ihrer Parallelen in der axiologischen und praktischen Sphäre) den Weg freigemacht hat. Manche Mißverständnisse meiner *Ideen zu einer reinen Phänomenologie* wären unmöglich gewesen, wenn man dieses Kapitel beachtet hätte. Selbstverständlich besagt danach die Unmittelbarkeit der Schau allgemeiner Wesen, von der in den *Ideen* die Rede ist, ganz wie diejenige einer sonstigen kategorialen Anschauung, den Gegensatz zur Mittelbarkeit eines unanschaulichen, etwa eines symbolisch-leeren Denkens. Dem entgegen hat man dieser Unmittelbarkeit die der Anschauung im gewöhnlichen Sinne untergeschoben, eben weil man von dem für jede Theorie der Vernunft fundamentalen Unterschied zwischen sinnlicher und kategorialer Anschauung nicht Kenntnis genommen hatte. Es ist m. E. bezeichnend für den gegenwärtigen Stand der philosophischen Wissenschaft, daß schlichte Feststellungen von so eingreifender Bedeutung, dargeboten in einem Werke, das in fast zwei Jahrzehnten viel angefeindet, aber auch viel benutzt worden ist, ohne merklichen literarischen Einfluß bleiben konnten.” HUSSERL, E. *Logische Untersuchungen* (Husserliana – XVIII, XIX/1, XIX/2) M. Nijhoff, Haia, 1984, S.534. [Doravante L.U.]

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 330-346
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

conhecimento é um trabalho levado a cabo pelo entendimento, no qual se procede à síntese das representações e à aplicação das categorias para obtenção do conceito.

Segundo Heidegger, Husserl retoma e torna presente o que Kant se teria limitado a caracterizar como conceito de forma⁴. Que a categoria seja antes de mais nada uma forma, seria algo que estaria bem presente na expressão usada por Husserl de intuição categorial. Intuição categorial “(...) quer dizer estritamente: uma intuição que dá a ver uma categoria; ou melhor: uma intuição (um ser-presente a) dado directamente sobre uma categoria.”⁵ Neste modo de conceber a intuição categorial e entendida a substância como uma categoria, esta torna-se presente em si mesma como dada em um ato de intuição. Heidegger dá o exemplo de um tinteiro em que, se é possível ver o tinteiro, o mesmo não acontece com a sua substancialidade. Contudo, a substancialidade deve ser vista sem o que não seria possível ver o tinteiro. Onde se encontra pois a substancialidade do tinteiro? A substancialidade do tinteiro encontrar-se-ia presente no *excedente* (Überschuss) e Heidegger explica:

(...) o “*é*” – pelo qual eu constato a presença do tinteiro como objeto ou substância – é em excesso entre as afecções sensíveis; com efeito, o “*é*” não está junto das afecções sensíveis; ele é visto – mesmo que visto de outro modo que aquilo que é visível e para que assim seja visto é necessário que seja dado. Para que assim seja “visto”, é necessário que ele seja dado.⁶

Assim, na leitura de Heidegger, o categorial é dado do mesmo modo que o sensível. Tal como é possível ter intuições sensíveis, também é possível ter intuições categoriais e, para que se intua algo esse algo tem de estar ele mesmo presente. Ora, se na intuição sensível os dados

³ „(...) der Brennpunkt des Husserlschen Denkens ist.” HEIDEGGER, Martin. *Seminar in Zähringen*. Vittorio Klostermann, Frankfurt am Main, 1977, S.112.

⁴ Na dissertação de 1770 Kant procede à distinção entre matéria e forma: “À representação pertence, em primeiro lugar, alguma coisa que se pode chamar *matéria*, que é a sensação, e, em segundo lugar, aquilo que se pode chamar de forma ou espécie das coisas sensíveis, que serve para coordenar, por meio de certa lei natural da alma, as várias coisas que impressionam os sentidos.” (*De mundi sensibilis et intelligibilis forma et ratione* § 4). Esta distinção entre matéria e forma foi o ponto de partida de toda a filosofia kantiana, mas Kant nunca alterou o significado de forma que continuou sendo a relação ou o conjunto de relações, ou seja, ordem. Kant escreve: “O elemento formal da natureza é a regularidade de todos os objetos da experiência.” in KANT, I., *Prolegomena zu einer künftigen Metaphysik, die als Wissenschaft wird auftreten können*, in Werke, Vol. V., Frankfurt, Suhrkamp, 1993, § 17.

⁵ „Kategoriale Anschauung besagt nämlich strenggenommen: eine Anschauung, die eine Kategorie erblicken läßt; oder: eine Anschauung (ein Gegenwärtigsein für), die unmittelbar *auf* eine Kategorie *gerichtet* ist.” HEIDEGGER, M. *Seminar in Zähringen*. Vittorio Klostermann, Frankfurt am Main, 1977, S.113. [Trad. nossa].

⁶ „(...) das „ist” – mit dem ich die Anwesenheit des Tintenfassens als Gegenstand oder Substanz feststelle – ist unter den sinnlichen Affektionen „überschüssig”. Aber in einer Hinsicht *ist* es durchaus *wie* die sinnlichen Affektionen: das „ist” wird den sinnlichen Affektionen nämlich nicht zugefügt; es wird „gesehen”- selbst wenn es anders *gesehen* wird als das, was sinnlich sichtbar ist. Um derart „gesehen” zu werden, muß es *gegeben* sein.” HEIDEGGER, M. *Seminar in Zähringen*. Vittorio Klostermann, Frankfurt am Main, 1977, SS.113-114.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 330-346
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

sensoriais se tornam presentes, analogamente na intuição categorial o que se torna presente e passível de ser abordado de modo direto é o próprio ser que é dado de modo imediato. Para Kant, as categorias são os modos pelos quais se manifesta a atividade do entendimento, através da ordenação das diversas representações em uma representação comum, ou seja, o conceito, elemento que propicia o juízo. Se em Kant o acesso às categorias só poderia ser feito via tábua dos juízos, e no nível da sensibilidade não havia possibilidade de tal acesso, em Husserl às categorias é possível ter acesso através de uma intuição. Se intuição significa tornar presente, no caso de Husserl, e diferentemente de Kant, não é ter presente algo que se situa ao nível do entendimento, resultado de uma dedução; ao contrário, o que se torna presente de modo imediato sem recurso a nenhuma atividade do entendimento é a categoria. De acordo com Heidegger, Husserl teria descoberto algo de decisivo: o ver⁷, segundo dois tipos de visão: uma do sensível e outra do categorial, pois como diz Heidegger: “(...) quando vejo este livro, vejo bem uma coisa substancial, sem que veja a substancialidade como vejo o livro. Ora é a substancialidade que, na sua inaparência, permite ao que aparece aparecer.”⁸ Ora, a questão que move Heidegger é a questão do ser e de seu sentido. Com a análise da intuição categorial, Husserl liberta o ser da posição à qual a tradição o confinou, a saber, a de que o ser é dado na cópula do juízo. Essa descoberta reorienta toda a possibilidade da indagação heideggeriana. Com o conceito husserliano de intuição categorial, o ser passa a ser configurado em moldes diferentes. E isto porque o ser não é mais o resultado de uma operação levada a cabo pelo entendimento; não é fruto somente de uma operação lógica ou de uma predicação. Ao contrário o ser é dado de modo imediato em um estado de coisas articulado. Sendo assim, se o ser é dado ele pode ser interrogado. Neste sentido, e como Heidegger tem por sua a questão fundamental de explicitar o que seja o ser e o seu sentido –, a descoberta husserliana propicia a possibilidade de proceder a tal interrogação⁹. Pela primeira

⁷ Para Heidegger, Husserl colheu de modo caracteristicamente amplo e fundamental o conceito de visão, como sendo o que permite dar ao ente na sua presença em “carne e osso” e que não o limita a um âmbito particular ou a uma capacidade particular. Husserl formula o sentido intencional da visão, colhendo-o pela primeira vez de um modo radical, e pensou desse modo a tradição da filosofia ocidental. Cf. HEIDEGGER, M. *Logik. Die Frage nach der Wahrheit*. Gesamtausgabe. Vittorio Klostermann. Frankfurt am Main, Band 30, 1976, § 10: S.103. [Trad. nossa].

⁸ „Wenn ich dies Buch sehe, sehe ich zwar eine substanziale Sache, ohne deswegen jedoch die Substantialität wie das Buch zu sehen. Dennoch ist es die Substantialität, was in seinem Nichterscheinen dem Erscheinenden das Erscheinen ermöglicht.” HEIDEGGER, M. *Seminar in Zähringen*. Vittorio Klostermann. Frankfurt am Main, Band 30, 1976, S.115 [Trad. nossa].

⁹ Conforme escreveu Heidegger: “Caso a investigação que haverá de seguir avance no sentido de abrir as “coisas elas mesmas”, o autor o deve, em primeiro lugar, a E. Husserl. Durante os anos de ensino em Friburgo, Husserl familiarizou o autor com as mais diferentes áreas da pesquisa fenomenológica, através de uma orientação

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 330-346
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

vez Heidegger tem um acesso direto ao ser e não a um conceito de ser, a uma abstração, mas a um solo em que o ser se torna presente e pode ser interrogado. O que Heidegger chamou de “ponto quente” da fenomenologia de Husserl consiste em nos ter colocado na presença do ser, o qual se torna fenomenalmente presente através da intuição categorial. Mas se na perspectiva de Heidegger esta descoberta foi decisiva, seu mestre não a teria levado às últimas consequências. Porquanto, tendo obtido o acesso ao ser ele não se interrogou acerca de sua significação. Aliás, tal questão Husserl não se teria colocado porquanto ser queria dizer objeto. Para Heidegger o ser objeto remete para um modo de ser próprio dos entes *simplesmente dados* (Vorhandenheit), modo de ser que não é o mais originário porquanto é um modo de ser derivado dos entes que, antes de mais, são *instrumentos* (Zeug) que o *Dasein* usa nas suas ocupações quotidianas. Assim, ser objeto é um modo possível de ser dos entes não dotados do carácter do *Dasein*, que apenas se poderão configurar como objetos, desde que sofram uma alteração no seu modo de se dar mais originário.

Se a crítica de Heidegger é compreensível, devemos nos ater a que o conceito de *intuição categorial* faz a sua aparição na filosofia de Husserl, quando este procede ao exame da analogia entre a sensibilidade e o entendimento. Tal problemática é característica da teoria da experiência e, por esse motivo, se estabeleceu a ligação com Kant, contexto próprio da gnoseologia, mas de modo algum do âmbito da ontologia. Assim sendo, e apesar da crítica de Heidegger, parece justificado que Husserl não tivesse colocado a questão acerca do que é o ser, e igualmente, também não tivesse formulado a questão de quem é esse que tem *consciência* (Bewußtsein).

II.

Heidegger considerou ainda como pontos fundamentais da fenomenologia husserliana o conceito de *intencionalidade*, o alargamento do conceito de *intuição categorial* e o *a priori*. Centrando a sua atenção na relação entre *intuição sensível* e a *intuição categorial*, no *Seminar in Zähringen* Heidegger vai tentar o acesso à questão do ser a partir de Husserl. Partindo do

profunda e pessoal, dando-lhe acesso, com o maior despojamento, às investigações ainda não publicadas. „Wenn die folgende Untersuchung einige Schritte vorwärts geht in der Erschließung der „Sachen selbst“, so dank das der Verf. in erster Linie E. Husserl, der den Verf. während seiner Freiburger Lehrjahre durch eindringliche persönliche Leitung und durch freieste Überlassung unveröffentlichter Untersuchungen mit den verschiedensten Gebieten der phänomenologischen Forschung vertraut machte.” in HEIDEGGER, M. *Sein und Zeit*. Max Niemeyer Verlag Tübingen, 2001, *SuZ* § 8: S.38/ *ST* (I) § 8: p.70, [nota de rodapé; doravante *SuZ/ST*].

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 330-346
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

horizonte aberto por seu mestre, Heidegger encontra um novo solo para reformular a mais antiga questão filosófica. Por sua vez, atendo-se ao carácter intencional da consciência, Heidegger, encontra a via que possibilita uma sensibilidade que de modo algum é “cega”. É a intencionalidade através da sensibilidade que possibilita o acesso ao objeto sensível. Mas indagamos, qual é o fundamento da objetualidade do objeto sensível?

O fundamento do objeto não pode ser constituído a partir de meros dados sensoriais, já que os dados sensoriais não existem *per se*, antes se encontram desde sempre como que animados por uma intenção de acordo com a qual são percebidos, e são momentos da coisa para a qual reenviam. Uma cor é sempre a cor de uma superfície para a qual nos reenvia e é o carácter do ato que anima, por assim dizer, a sensação fazendo-a ser *tal ou tal*, bem como perceber o objeto *de tal ou tal* modo.

O que é percebido pela consciência é um objeto¹⁰, uma coisa, mas não a objetualidade que apesar de não ser percebida pela sensibilidade é dada na sensibilidade. Este assim se dar da objetualidade na sensibilidade ficou bem presente no esclarecimento de Heidegger no *Seminar in Zähringen*, o que não parece ter ressaltado claramente ao olhar de Husserl. Isso porque, segundo Heidegger, o filósofo ao se referir ao objeto sensível não visava a coisa ela mesma, mas sim a coisa enquanto exemplo de um objeto sensível. Assim, quando Husserl se refere ao tinteiro ou ao livro, tais objetos funcionam apenas como exemplos de objetos da percepção sensível: “(...) o tinteiro funciona aqui apenas como exemplo do objeto sensível. O tinteiro é: o objeto da percepção sensível.”¹¹

Na argumentação de Heidegger acerca da constituição da objetualidade do objeto, tal seria esclarecida a partir da intuição categorial, ou seja, é partindo da intuição categorial que Heidegger indica que um objeto é para Husserl não um utensílio com a sua serventia própria, mas sim um objeto que funciona enquanto exemplo de um simples objeto. Ora, tal argumento poder-nos-ia conduzir a pensar que a *intuição sensível* seria esclarecida a partir da intuição

¹⁰ Husserl usa o termo *Gegenständlichkeit* para designar de modo geral o correlato intencional dos atos objetivantes. Diz o filósofo: “Prefiro freqüentemente a expressão ‘objetividades (Gegenständlichkeit) pois trata-se aqui geralmente não apenas de *objetos* (Gegenstände), no sentido restrito, mas também de estados de coisas, de características e de formas não independentes reais ou categoriais, etc.” [Trad. nossa] „Ich wälte öfters den unbestimmteren Ausdruck Gegenständlichkeit, weil es sich hier überall nicht bloß um Gegenstände im engeren Sinn, sondern auch um Sachverhalte, merkmale, um unselbständige reale oder kategoriale Formen u. Dgl.handelt.” in HUSSERL, E. L.U. (I) § 9: S.45 [nota de rodapé].

¹¹ „das Tintenfaß dient hier lediglich als Beispiel eines sinnlichen Gegenstand. Das Tintenfaß ist Gegenstand sinnlicher Wahrnehmung.” HEIDEGGER, M. *Seminar in Zähringen*. Vittorio Klostermann. Frankfurt am Main, Band 30, 1976, S.112. [Trad. nossa].

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 330-346
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

categorial, o que não se dá em Husserl. Ao contrário, o procedimento é exatamente o inverso, ou seja: a *intuição categorial* funda-se na *sensível*, isto é, a *intuição sensível* é o ato fundante.

Heidegger faz alusão à tradição filosófica para esclarecer a sua posição no que se refere ao acesso a uma categoria via sensibilidade, Entretanto, será tal recurso suficiente?

A favor de Heidegger cumpre assinalar que no *Seminar in Zähringen* temos somente seu protocolo, no qual as questões que nele foram colocadas foram tratadas de modo sumário. Para elucidação destas mesmas questões o próprio Heidegger continuamente remete à sua obra *Ser e Tempo (Sein und Zeit)*.¹² Se na percepção sensível o objeto se encontra presente ele mesmo, através de um ato simples, isso não pode de modo algum significar que ele seja um dado bruto e indiferenciado, visto que o objeto sensível é sempre presente enquanto *tal ou tal*. Diz Husserl:

(...) um objeto individual não é algo meramente individual, um “isto aí”, indiferenciado, ele tem enquanto “em si mesmo” assim ou assim constituído a sua *peculiaridade* (Eigenart), a sua efetividade de predicáveis essenciais que lhe devem convir (enquanto ente tal como ele é em si mesmo) para que lhe possam convir outras determinações secundárias ou acidentais.¹³

Assim, o objeto sensível é presente segundo a estrutura enquanto *tal ou tal*. De fato, se o objeto sensível nunca permite um conhecimento absoluto, se através das possíveis perspectivas em que o mesmo pode ser visado ele sempre é mais visado que dado é porque haveria a possibilidade de distinguir entre o objeto e o objeto enquanto *tal ou tal*. Logo, o objeto sensível é apenas presente enquanto *tal ou tal* e é mesmo esta estrutura “*enquanto que*” que vai permitir a Heidegger o acesso à possibilidade de conhecimento acerca do objeto. Ainda no *Seminar in Zähringen*, Heidegger afirma que a resposta à questão que interroga pela objetualidade do objeto, ou pela substancialidade da substância, deveria encontrar o seu esclarecimento a partir da noção de *intuição categorial*. Esta afirmação heideggeriana suscita-nos uma questão que é necessária elucidar: como se pode esclarecer a *objetualidade* (Gegenständlichkeit) do objeto através do conceito de *intuição categorial*? Dito de outro

¹² Os textos *Seminar in Zähringen*, bem como no texto *Meu caminho para a Fenomenologia*, são considerados por diversos intérpretes como sendo textos menores, nos quais os esclarecimentos dados pelo autor são “excessivamente lacônicos e mesmo insuficientes”. Cf. TAMINIAUX, J. *Le regard et l'excédent*. M. Nijhoff, Haia, 1977.

¹³ „Ein individueller Gegenstand ist nicht bloß überhaupt ein individueller, ein Dies da!, ein einmaliger, er hat als „i n s i c h s e l b s t” so und so beschaffener seine E i g e n a r t, seine Bestand and w e s e n t l i c h e n Prädikabilien, die ihm zukommen müssen (als „Seiende, wie er in sich selbst ist”), damit ihm andere, sekundäre, zufällige Bestimmungen zukommen können.” HUSSERL, E. *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie*. Haia, M. Nijhoff, 1950-1952, (I) §2: S.12-13 [Trad. nossa].

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 330-346
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

modo, o que autoriza Heidegger a cogitar acerca do esclarecimento da *intuição sensível* pela *intuição categorial*? E o conceito de *substância* tal como o formulou Kant seria o elemento com força suficiente para justificar a sua argumentação?

Se conforme Husserl, a *intuição sensível* faz aparecer o objeto como estando aí presente ele mesmo em um ato simples, isso não significa que o objeto sensível seja um simples dado bruto e indiferenciado, mas que ele é fruto de um ato monotético que visa o objeto de uma só vez. O preenchimento do ato monotético configura o que Husserl entende por *intuição sensível*. Esta, por sua vez, é ante-predicativa e fundante da *intuição categorial*. O objeto sensível é sempre presente *enquanto tal ou tal*, e o encontro do objeto implica necessariamente uma *talidade* (Was).¹⁴ Desse modo, o objeto sensível é presente apenas enquanto *tal ou tal*, aliás é mesmo esta estrutura “*enquanto que*” (Als Struktur, como comparece em Heidegger) que permitirá a possibilidade de conhecimento do objeto.

De fato, se o objeto sensível não é passível de conhecimento absoluto e se as diversas perspectivas em que ele pode ser intencionado o configuram mais visado que dado, é porque é possível proceder à distinção entre o objeto e o objeto *enquanto tal ou tal*. Neste sentido, convém destacar uma esclarecedora passagem do texto de Husserl:

(...) o termo conhecer, no sentido normal designa sobretudo o sujeito da proposição enquanto que ele é o objeto conhecido. Neste conhecimento há manifestamente um outro ato que implica talvez o primeiro mas que, de qualquer modo, difere dele. O papel no exemplo papel branco é conhecido enquanto branco, ou melhor, enquanto papel branco quando, exprimindo a nossa percepção, dizemos: papel branco.¹⁵

Recorrendo à linguagem da escolástica, poderemos dizer que na *intuição sensível* a estrutura *enquanto que* (als was) nos conduz à distinção no objeto dado, entre objeto material e objeto formal. Conquanto, tal distinção implica que o “ser” (é) esteja já pressuposto — como o próprio Husserl o parece reconhecer — do que por sua vez decorre que já exista uma interpretação apofântica do enunciado.

¹⁴ “Zunächst bezeichnete „Wesen“ das im selbsteigenen Sein eines Individuum als sein Was Vorfindliche.” Cf. *Ideen Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie*. Haia, M. Nijhoff, 1950-1952, (I) §3: S.13. ‘Talidade’ corresponde ao termos alemão *was* na expressão *als was*, e tem um sentido pré-objetivo.

¹⁵ „Indessen, die normale Rede vom Erkennen bezeichnet vielmehr den Subjektgegenstand als den „erkannten“. In die sen Erkennen liegt offenbar ein anderer Akt vor, der jenen ersteren vielleicht einschließt, jedenfalls aber von ihm verschieden ist. Das Papier wird als weiß, oder vielmehr als weißes erkannt, wo wir, die Wahrnehmung ausdrückend, sagen weißes Papier” in HUSSERL, E. L.U. (VI) §40: S.659-660 (Os Pensadores – Nova Cultural – p.125).

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 330-346
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

É também na obra heideggeriana, que agora examinamos, que Heidegger expõe a sua tese segundo a qual a resposta à questão que interroga sobre a objetualidade do objeto, ou pela substancialidade da substância, poderia encontrar o seu esclarecimento na noção husserliana de *intuição categorial*. Se, a *intuição categorial* se caracteriza por libertar o ser da cópula do juízo, considerando-o como dado, e se tal caracterização conduziu Heidegger a colocar a questão “que significa ser?” ou “qual o sentido do ser?” Estas questões, que são o fio condutor de todo o pensamento heideggeriano, não foram formuladas por Husserl, aliás, tais questões não o podiam ter inquietado pois segundo Heidegger, para Husserl “(...) não havia aí sombra de uma questão possível, porque para ele era de si compreensível que “ser significa ser – objeto.”¹⁶ Se tais questões não inquietaram Husserl, elas foram decisivas para Heidegger, para quem a resposta à questão acerca da objetualidade do objeto pressupõe a resposta à questão que interroga acerca do sentido do ser do ente. No entanto, o modo como o autor formula esta sua concepção no *Seminar in Zähringen* é abrupta e pouco esclarecedora: “(...) a objectividade é um modo de ser presente (...) a objectividade é o ser presente na dimensão ou espaço da subjetividade.”¹⁷ Mas, se em *Ser e Tempo* não encontramos um objeto senão como derivado de ser dos utensílios, também não encontramos uma consciência nos moldes em que Husserl a formulou. De fato no lugar de *Bewußtsein*¹⁸ passamos a ler *Dasein*, um ser aberto que não se encontra encerrado na imanência de uma consciência que nunca é interrogada quanto ao seu ser.

¹⁶ „(...) war da nicht der Schatten einer möglichen Frage, weil es sich für ihn von selbst verstand, daß „Sein“ Gegenstand-Sein bedeutet.” HEIDEGGER, M. *Seminar in Zähringen*, Vitorrio Klostermann. Frankfurt am Main, Band 30, 1976, S.116. [Trad. nossa].

¹⁷ „(...) die Gegenständlichkeit ist das Anwesendsein in der Dimension der dem „Raum“ der Subjektivität, Indem, ibidem, HEIDEGGER, M. *Seminar in Zähringen*, Vitorrio Klostermann. Frankfurt am Main, Band 30, 1976, S.116. [Trad. nossa].

¹⁸ Em Husserl, a consciência é presente a ela mesma na própria imanência, bem como tudo o que é só é na imanência da consciência. Se nos ativermos ao carácter intencional da consciência, veremos que ela tende para algo que não está nela, mas que só é se estiver nela. Assim, o fato da consciência tender para algo que está fora, visto de modo positivo, evita o solipsismo, no entanto, negativamente, o objeto só é enquanto imanente. Esta concepção husserliana permite a Heidegger afirmar que: “(...) apesar da intencionalidade, Husserl fica bloqueado na imanência ... certamente que a posição de Husserl progride em relação ao neo-kantismo, no qual o objeto não é mais que uma multiplicidade do sensível organizada pelos conceitos do entendimento. Com Husserl, o objeto reencontra a sua consciência própria; Husserl salva o objeto mas instala-o na imanência da consciência.” „So bleibt Husserl der Intentionalität entgegen doch in der Immanenz eingeschlossen, (...) Ganz sicher ist Husserls Grundstellung ein Schritt voraus in bezug auf den Neokantianismus, bei dem das Objekt nur mehr eine von Verstandesbegriffen gegliedert Vielheit sinnlicher Daten ist. Mit Husserl bekommt der Gegenstand seine eigene Bestandhaftigkeit zurück; Husserl rettet den Gegenstand, – aber indem er ihn in die Immanenz des Bewußtseins einfügt.” HEIDEGGER, M. *Seminar in Zähringen*, Vitorrio Klostermann. Frankfurt am Main, Band 30, 1976, S.120.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 330-346
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

Se Husserl estando na presença do ser não se interrogou acerca do seu sentido, a verdade é que também não formulou a questão acerca de quem é esse que tem consciência. Ora de acordo com o que sabemos, o ponto de partida de Heidegger não é uma consciência mas o *Dasein*, esse que não se encontra encerrado em si mesmo porque o *Dasein* é o que está aí junto às coisas e aos outros entes que têm a mesma constituição que ele, e nesse estar fora pode fazer a experiência das coisas tais como elas são sem que para isso tenha de recorrer a formas ou categorias do entendimento.

Devemos ter presente o fio condutor de nosso trabalho, ou seja, que nas *Investigações Lógicas* (Logische Untersuchungen) é possível encontrar subsídios para defender a tese segundo a qual a fenomenologia hermenêutica de Heidegger seria herdeira da fenomenologia de Edmund Husserl. Para procedermos a tal afirmação, cumpre assinalar o exame por nós efetuado da *Quinta Investigação*, na qual Husserl trata das vivências intencionais e seus conteúdos. Tal exame proporcionou a constatação da apropriação efetuada por Heidegger do *como* intencional da fenomenologia de Husserl, bem como da radicalização que iremos encontrar presente na estrutura do *como* da interpretação de *Ser e Tempo*. Por sua vez, o exame da *Sexta Investigação* revelou que se a *intuição sensível* possibilita um acesso direto ao ser, analogicamente a *intuição categorial* também o possibilita; que o fundamento da verdade do ser posto ou do ser enquanto cópula do juízo se dá ao nível ante-predicativo; que a intuição não funda a significação, mas antes a pressupõe, bem como seria a estrutura *enquanto que* (als was) ou matéria intencional do ato que determinaria o *como* isto ou aquilo é apreendido. Por conseguinte, se a apropriação da intencionalidade husserliana resultaria em *Ser e Tempo* na estrutura “*como*” da interpretação, o alargamento do conceito de *intuição sensível* para *intuição categorial* é considerado por Heidegger como fundamental para a determinação do “significado múltiplo do ente”¹ e constitui um acesso direto e privilegiado ao “ser”. Ora, a possibilidade de tal acesso é determinante se ativermos para aquela que é a questão fundamental de *Ser e Tempo*, ou seja, a questão do ser e seu sentido. Segundo a hipótese por nós foi levantada, Heidegger teria procedido a uma *assimilação produtiva* de conceitos husserlianos presentes nas *Investigações Lógicas* em favor de *Ser e Tempo*. No entanto, tais conceitos não teriam sido simplesmente tomados por Heidegger porque este filósofo teria procedido a uma assimilação da fenomenologia de Husserl e esta assimilação teria sido produtiva. Tal processo, só poderá ser compreendido se levarmos em conta que, com *Ser e*

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 330-346
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

Tempo um novo paradigma metodológico foi inaugurado¹⁹. Porquanto em *Ser e Tempo* comparece um confronto explícito com a tradicional teoria da subjetividade e da representação. Heidegger procede a uma crítica à metafísica tradicional para propor em seu lugar uma ontologia fundamental cujo “fundamento” é a analítica existencial do *ser-no-mundo* (In-der-Welt-sein) prático, enquanto alternativa para a resolução do problema da ontologia, ou seja da realidade e da verdade ou do conhecimento. Neste sentido, *Ser e Tempo* inaugura um novo começo, um novo método, distinto daquele que era próprio do paradigma fundamentalista da teoria da subjetividade: trata-se do *círculo hermenêutico*. Deste novo método, que acompanha a concepção de *Ser e Tempo*, deixam de fazer parte conceitos fundamentais legados pela tradição, tais como, os da relação sujeito/objeto, próprios das teorias da subjetividade e da representação, a idéia de uma razão crítica, bem como a afirmação da separação entre teoria e praxis próprios do transcendentalismo, ou ainda as posições que privilegiam a consciência como ponto de partida. Segundo Heidegger, o método da filosofia tradicional partiu de um processo no qual o ser foi entificado, ou seja, a um ente foi atribuído o papel de ser. É esse processo que a ontologia fundamental de *Ser e Tempo* denuncia tem como seu pano de fundo: o de que a entificação do ser conduziu a que o ser mesmo não tenha sido pensado em sua diferença em relação ao ente, já que ele sempre assume as funções de um ente determinado. Por outro lado, o pensamento do ente se torna prejudicado:

Toda a tradição concorda em definir a Metafísica como ciência da coisas divinas realmente justifica-se o plano da realidade finita a partir daquilo que transcende o finito; tenta-se compreender a natureza, as coisas, o homem e os produtos da atividade humana através da participação na realidade transcendente. O que transcende é o ser ou a realidade em grau excelente. O corolário imediato desse modo de pensar é que a realidade finita só tem propriamente realidade na medida em que participa ou traz em si de alguma maneira o transfinito. Com tal procedimento, a Metafísica não consegue explicar a finitude do finito.²⁰

Por este motivo, Heidegger enfatiza que se deve poder distinguir o ser do ente caso se queira fazer do ser o tema de sua investigação. Tal distinção é a única que permite alcançar o tema da ontologia e, ademais, é esta distinção, a *diferença ontológica*, que constitui primariamente a ontologia. Segundo Gerd Bornheim:

¹⁹ Cf. STEIN, E. *Seis estudos sobre “Ser e Tempo”*. Petrópolis: Editora Vozes, 1988.

²⁰ BORNHEIM, Gerd. *Dialética, Teoria, Praxis*. São Paulo: Ed.Globo/E.P.U., 1977, p.26.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 330-346
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

(...) coube a Heidegger o mérito de ter aprofundado o tema que ele denomina de “esquecimento do ser”, realizando a mais radical crítica à Metafísica feita até hoje, ao mesmo tempo em que possibilitava a compreensão, de modo singular, da profunda unidade com que se desdobra a Metafísica Ocidental.²¹

Tendo por base a *diferença ontológica*, um dos passos metodológicos exigidos é o da *destruição* (Destruktion) fenomenológica para a superação da ontologia antiga, cujo intuito é o da *construção* (Konstruktion) de conceitos ontológicos fundamentais: o que quer dizer uma apropriação positiva da tradição, uma desconstrução crítica daqueles conceitos herdados que devem, antes de tudo, ser necessariamente empregados com o objetivo de retornar às fontes das quais brotaram. Somente através de tal *destruição fenomenológica* da ontologia pode a filosofia assegurar-se fenomenologicamente da genuinidade dos próprios conceitos.²²

A história da filosofia não é uma espécie de apêndice do aparato doutrinário da filosofia que tem o objetivo de oferecer a oportunidade de se apropriar de algum tema fácil e cômodo para um exame acadêmico ou para dar uma olhadela ao que aconteceu no passado. Ao contrário, o conhecimento histórico-filosófico é em si mesmo alguma coisa de unitário no qual a específica maneira do conhecimento histórico próprio da filosofia, em conformidade com o seu objeto, se diferencia daquele de toda outra ciência histórica.²³

Conseqüentemente, a apropriação positiva do passado, inclui também outro passo metódico, qual seja, o da *redução* (Reduktion) fenomenológica entendida como recondução do olhar do ente para o ser, conversão do olhar fenomenológico que acolhe o ente, qualquer que seja a sua determinação, para a compreensão do ser deste ente.

A crítica empreendida por Heidegger à tradição ontológica é extensiva também às questões do conhecimento; à tradição que separou o idealismo do realismo, o sensível do inteligível, a verdade concebida enquanto correspondência ou adequação de um predicado a um sujeito, à lógica enquanto o único método capaz de possibilitar o acesso à verdade. Com

²¹ BORNHEIM, Gerd., *Dialética, Teoria, Praxis*. São Paulo: Ed.Globo/E.P.U., 1977, p.25-26.

²² Cf. HEIDEGGER, M. *Grundproblem der Phänomenologie*. Gesamtausgabe. Vittorio Klostermann. Frankfurt am Main, Band 24, 1976, S.31.

²³ „Zum Begriff der Philosophie als Wissenschaft, zum Begriff der phänomenologischen Forschung gehört ‘Geschichte der Philosophie’, wie man sagt. Die Geschichte der Philosophie ist nicht ein beliebiges Anhängsel im philosophischen Lehrtrieb, um Gelegenheit zu geben, irgendein bequemes und leichtes Thema für das Staatsexamen sich zuzueignen oder sich einmal umzusehen, wie es früher gewesen ist, sondern historisch-philosophische Erkenntnis ist in sich eines, wobei die spezifische Art des historischen Erkennens in der Philosophie gemäß ihrem Gegenstande sich von jeder anderen wissenschaftlichen historischen Erkenntnis unterscheidet.” In HEIDEGGER, M. *Die Grundprobleme der Phänomenologie*. Gesamtausgabe. Vittorio Klostermann. Frankfurt am Main, Band 24, 1976, SS.31-32 (Trad. nossa).

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 330-346
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

Heidegger, no lugar da consciência surge a hermenêutica do *Dasein*; a transparência almejada pelas teorias racionalistas, dá lugar ao ser que é inevitavelmente histórico, a teoria dá lugar à compreensão do *ser-no-mundo* já sempre lançado e historicamente situado, ao ideal do pensamento puro da teoria tradicional, opõe-se agora uma noção peculiar de *práxis*, uma vez que, ela é anterior a qualquer divisão entre teoria e *práxis*, com ela e por ela, todo o conhecimento teórico se configurará, necessariamente, em um modo derivado de ser mais originário e constitutivo de ser do *Dasein*. Com isto, Heidegger teria conduzido a um nova determinação o espaço no qual a analítica existencial se processa e que comporta o “*encurtamento hermenêutico*”. Tal procedimento implica que seja retirado do âmbito do projeto de *Ser e Tempo*, conceitos tais como o de:

(...) Deus e das “verdades eternas”, e a forclusão (rejeição) do mundo e a rejeição das “leis naturais” (o que Heidegger chamará de superação da metafísica) e a proposta da superação da relação sujeito-objeto, base das teorias da consciência (...)” mas também a idéia de mundo e suas leis naturais, os conceitos de sujeito e objeto, base de todas as teorias da consciência.²⁴

Através de um processo de *destruição* aplicado às teses tradicionais sobre o ser²⁵ é instaurada uma discussão com as instâncias superiores da metafísica e colocada a questão do sentido do ser em sua articulação com o fenômeno do tempo. Tal processo de *destruição* fenomenológica dota Heidegger de instrumentos hábeis para criticar o modelo da relação sujeito/objeto e revelar a omissão da questão do tempo no pensamento sobre o ser, bem como, denunciar a ausência de uma analítica existencial. Elementos que teriam tradicionalmente impedido que a questão do ser fosse colocada a partir do *ser-no-mundo*.

É, portanto, no âmbito da *destruição* fenomenológica de conceitos tradicionais, que se encontraria inscrita os da fenomenologia husserliana. Com isto queremos enfatizar que, se por um lado, a relação com a fenomenologia de Husserl teria conduzido Heidegger a um trabalho produtivo, por outro lado, teria revelado que o método fenomenológico pagava seu tributo às teorias da consciência e representava uma recuperação da tradição cartesiana, o que leva Heidegger a afirmar, por exemplo:

²⁴ STEIN, E. *Seis estudos sobre Ser e Tempo*, Petrópolis: Editora Vozes, 1988, p.32.

²⁵ Conferir, por exemplo, o texto de Heidegger intitulado *Die Grundprobleme der Phänomenologie* no qual o filósofo examina estas questões em Aristóteles, Descartes, Kant e Stuart Mill.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 330-346
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

Em *Ser e Tempo* não se fala mais de consciência (...) é simplesmente deixada de lado – o que para Husserl foi um claro escândalo! Em lugar de “consciência” encontramos *Dasein*. Que significa, no entanto *Dasein*? E qual dos dois se funda no outro? (...) Aqui se pode ver claramente que a consciência radica no *Dasein* e não vice-versa.²⁶

O exame a que procedemos teve como propósito encontrar uma base textual a partir da qual pudéssemos erigir a hipótese, segundo a qual, não haveria uma ruptura entre as fenomenologias de Heidegger e de Husserl mas antes uma apropriação de conceitos husserlianos empreendida por Heidegger em favor de sua obra máxima, *Ser e Tempo*. Para que tal apropriação possa ser compreendida é necessário ter em conta a diferença existente entre os quadros teóricos envolvidos, bem como, explicitar os passos metodológicos para que se possa proceder à uma transposição de conceitos pertencentes a quadros teóricos diferentes. Assim, neste momento impõem-se que sejam abordados cada um dos momentos pertencentes ao possível processo de assimilação²⁷ de conceitos husserlianos em sua conexão com o método fenomenológico tal qual o concebe Heidegger.²⁸ Seguindo esta direção, o *deslocamento* encontrar-se-ia articulado ao passo metodológico da *redução*, a *radicalização* ao passo metodológico da *destruição* e a *ontologização* ao da *construção*. Nesse sentido, conceitos pertencentes a um quadro teórico uma vez transpostos para outro quadro teórico e submetidos também a uma inversão quanto a sua hierarquia configurariam aquilo que será entendido por *deslocamento*. Isto quer dizer que a assimilação heideggeriana dos conceitos husserlianos de *intencionalidade*, de *intuição categorial* e de *a priori* requer que estes sejam transpostos do quadro teórico da fenomenologia husserliana para o quadro teórico da fenomenologia hermenêutica de *Ser e Tempo* e, ainda, que seja operada uma mudança quanto à ordenação a que estavam subordinados no quadro teórico precedente, no qual aqueles conceitos husserlianos ganharam peso ontológico.

Conceitos tomados em sua raiz, tomados em todo o seu significado no sentido de firmá-los, fixá-los ou enraíza-los, configuram aquilo que, será entendido por *radicalização* (*Radikalisierung*). Isto quer dizer que a assimilação heideggeriana dos conceitos husserlianos

²⁶ „(...) wird nicht mehr vom Bewußtsein gesprochen. Es wird einfach beiseitegelegt, – für Husserl war das ein klares Ärgernis! Anstatt ‘Bewußtsein’ finden wir Dasein. Was bedeutet jedoch Dasein? Und welches von beiden gründet im anderen? (...) Deutlich ist hier zu sehen, daß das Bewußtsein im Dasein wurzelt und nicht umgekehrt.” HEIDEGGER, M. *Seminar in Zähringen*. Vittorio Klostermann. Frankfurt am Main, Band 30, 1976, S.117-118 (Trad. nossa).

²⁷ Cf. VOLPI, Franco. “L’*esistenza* come “*praxis*”. *Le radici aristoteliche della terminologia di “Essere e Tempo*”, a cura di Gianni Vattimo, Gius, Laterza & Figli Spa, Roma-Bari, Febraio, 1992. *Filosofia* 91, p.54.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 330-346
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

de *intencionalidade*, de *intuição categorial* e de *a priori* requer que estes sejam radicados na estrutura formal da questão do ser que comparece em *Ser e Tempo* e pela qual: *interrogado* é o ente (Befragte), *questionado* é o ser (Gefragt) e *perguntado* é o sentido do ser (Erfragte). Sendo assim, o objetivo científico desta obra é ontológico, pelo que aqueles conceitos husserlianos adquirem peso ontológico. Uma vez que ôntica é toda a consideração teórica ou prática do ente como tal, que não põe em causa seu ser, ontológica é, pelo contrário, a consideração do ente que o visa quanto ao seu ser e configuraria o que será entendido por ontologização. Isto quer dizer que a assimilação heideggeriana dos conceitos de *intencionalidade*, de *intuição categorial* e de *a priori*, impõe que estes não sejam entificados, mas também que, por sua vez, o ente não seja descartado²⁹. Assim, a ontologia em *Ser e Tempo* não prescinde do ente mas faz dele a sua base, pelo que aqueles conceitos husserlianos passam a obter cunho ontológico e a desempenhar um papel fundamental no aparato conceitual do tratado heideggeriano de ontologia.

Em seu conteúdo, a fenomenologia é a ciência do ser dos entes – é ontologia. Ao se esclarecer as tarefas de uma ontologia, surgiu a necessidade de uma ontologia fundamental, que possui como tema o *Dasein*, isto é, o ente dotado de um privilégio ôntico-ontológico. Pois somente a ontologia fundamental pode-se colocar diante do problema cardeal, a saber, da questão sobre o sentido do ser em geral.³⁰

Referências

- BRENTANO, Franz. *Psicologie du point de vue empirique*. Trad. Maurice de Condillac. Paris: Ed. Vrin: 1967.
- BORNHEIM, Gerd. *Dialética, Teoria, Praxis*. São Paulo: Ed.Globo & E.P.U., 1977.
- GREISCH, Jean, *Ontologie et temporalité. Esquisse d'une interprétation intégrale de Sein und Zeit*, Paris: Épiméthée, P.U.F., 1994.
- HEIDEGGER, M. *Logik. Die Frage nach der Wahrheit*, Vittorio Klostermann Frankfurt, Band 21, 1976.
- _____, *Die Grundprobleme der Phänomenologie*. Gesamtausgabe. Vittorio Klostermann. Frankfurt am Main, Band 24, 1976.

²⁸ Cf. HEIDEGGER, M. *Die Grundprobleme der Phänomenologie*. Gesamtausgabe. Vittorio Klostermann. Frankfurt am Main, Band 24, 1976, S.31.

²⁹ De entre as passagens nas quais Heidegger salienta a privilégio por ele concedido ao nível ôntico para a sua analítica existencial, podemos citar por exemplo: A analítica existencial, por sua vez, possui, em última instância, raízes *existenciárias*, isto é, *ônticas*. Cf. HEIDEGGER, M. *SuZ*: §4 : S.29; *ST* (I) §4: p.40.

³⁰ „Sachhaltig genommen ist die Phänomenologie die Wissenschaft vom Sein des Seienden – Ontologie. In der gegebenen Erläuterung der Aufgaben der Ontologie entsprang die Notwendigkeit einer Fundamentalontologie, die das ontologisch-ontisch ausgezeichnete Seiende zum Thema hat, das Dasein, so zwar, daß sie sich vor das Kardinalproblem, die Frage nach dem Sinn überhaupt, bringt.” HEIDEGGER, M., *SuZ* §7: S.37/ *ST* (I) §7: 68.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 330-346
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

Seminar in Zähringen: aspectos da crítica heideggeriana à fenomenologia de Husserl

- _____, *Logik. Die Frage nach der Wahrheit*. Gesamtausgabe. Vittorio Klostermann. Frankfurt am Main, Band 30, 1976.
- _____, *Grundbegriffe der Metaphysik*. Gesamtausgabe. Vittorio Klostermann. Frankfurt am Main, Band 30, 1976.
- _____, *Vier Seminare: Le Thor, 1966, 1968, 1969, Zähringen 1973*, V. Klostermann, Frankfurt am Main, 1977.
- _____, *Meu caminho para a fenomenologia*, tradução de Ernildo Stein, volume XLV, Coleção Os Pensadores Soa Paulo: Editora Abril Cultural, 1ª Edição, Setembro, 1973.
- _____, *Ser e Tempo*, Parte I-II, (9ª Edição), Tradução de Márcia de Sá Cavalcante, Rio de Janeiro, Petrópolis: Editora Vozes, 2000.
- _____, *Sein und Zeit*. Max Niemeyer Verlag Tübingen, 2001.
- HUSSERL, E. *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie*, I-III (1913) [Husserliana – III/IV/V] Haia, M. Nijhoff, 1950-1952.
- _____, *Cartesianische Meditationen* [Husserliana – I] Haia, Martinus Nijhoff, 1954.
- _____, *Die Idee der Phänomenologie* (1905) – [Husserliana – II], Haia, M. Nijhoff, Haia, 1958.
- _____, *Phänomenologische Psychologie. Vorlesungen Sommersemester* (1925) [Husserliana – IX], Haia, Martinus Nijhoff, 1962.
- _____, *Zur Phänomenologie des inneren Zeitbewusstseins* (1893-1917) – [Husserliana – X] Haia, M. Nijhoff, 1966.
- _____, *Philosophie der Arithmetik* (1891) [Gesammelte Werke – Husserliana – XII] Haia, Martinus Nijhoff, 1970.
- _____, *Philosophie als strenge Wissenschaft*. Vittorio Klostermann Frankfurt am Main, 1981.
- _____, *Logische Untersuchungen I-II* (Husserliana – XVIII, XIX/1, XIX/2) M. Nijhoff, Haia, 1984.
- _____, *Investigações Lógicas*. [Sexta Investigação] Seleção e tradução de Zeljko Loparic e Andréa Maria Altino de Campos Loparic, São Paulo: Editora Nova Cultura, 1996.
- KANT, I., *Prolegomena zu einer künftigen Metaphysik, die als Wissenschaft wird auftreten können*, in *Werke*, Vol. V, Frankfurt, Suhrkamp, 1993.
- SHÉRER, Renè. – *La phénoménologie des “Recherches Logiques” de Husserl*, Paris: P.U.F., 1967.
- STEIN, Ernildo. *Seis estudos sobre Ser e Tempo*. Rio de Janeiro: Petrópolis, Editora Vozes, 1988.
- TAMINAUX, J. *Le regard et l'excédent*. M. Nijhoff, Haia, 1977.
- VATTIMO, Gianni, *Introdução a Heidegger*. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 1989.
- VOLPI, Franco, *Filosofia 91, L' esistenza come “praxis”. Le radici aristoteliche della terminologia do “Essere e Tempo”*, a cura di Gianni Vattimo, Gius, Laterza & Figli Spa, Roma-Bari, Fevereiro, 1992.

Notas

ⁱ A influência do pensamento de Aristóteles sobre Heidegger, bem como, a apropriação, radicalização e ontologização dos conceitos aristotélicos de *poiesis* (ποίησις), *theoria* (τηεορία) e *pathe* (πατηε), em favor da sua obra máxima *Sein und Zeit*, constitui a matéria sobre a qual elaboramos a nossa tese de mestrado. Aristóteles é uma das instâncias superiores da tradição metafísica eleitas por Heidegger para dialogar e indagar até que ponto a questão do ser foi pensada articulada com o tempo. A presença do pensamento aristotélico em Heidegger, acontece quando este era ainda estudante da Faculdade de Teologia da Universidade de Friburg (1909/1910), no entanto, o acesso ao pensamento aristotélico levantou dificuldades ao jovem estudante de teologia, dificuldades que ele procurou colmatar a partir de autores contemporâneos

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 330-346
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

que estudassem a questão aristotélica que o movia e que era: Se o ente pode ser expresso em múltiplos significados qual é o significado determinante e fundamental? Que quer dizer ser? Franz Brentano com a sua dissertação acerca do “*Significado múltiplo do ente segundo Aristóteles*” (1862), constitui um precioso auxílio para as investigações de Heidegger sobre Aristóteles e é também Brentano que determina o pensamento de Husserl (no entanto a obra de Brentano que influencia Husserl é *A Psicologia de um ponto de vista empírico*, de 1874), autor a que Heidegger teve acesso a partir das *L.U.* emprestadas pela Biblioteca do seminário onde estudava. Esta obra que permanece durante anos na cabeceira de Heidegger é também ela um instrumento de acesso a Aristóteles. Anos mais tarde, Heidegger pode ver esclarecidas as dificuldades que as *LU* inicialmente lhe suscitaram, através do contato direto com aquele que foi seu mestre: Husserl. Em 1919, Heidegger dedica-se às atividades de docente na proximidade de Husserl e com ele apreende o ver fenomenológico e exercita-se nele, no entanto, longe de o afastar do diálogo com os grandes pensadores da tradição, como Husserl impunha, Heidegger não consegue afastar-se de Aristóteles e o ver fenomenológico permitiu-lhe uma fecunda interpretação dos textos aristotélicos: “(...) *foi aí que meu interesse se voltou novamente para as Logische Untersuchungen, sobretudo a Sexta Investigação da primeira edição. A distinção entre intuição sensível e intuição categorial revelou seu alcance para a determinação do significado múltiplo do ente*”. Na medida em que o estudo das *Logische Untersuchungen* foi aprofundado em grupos de trabalho, organizados semanalmente com os alunos mais adiantados, Heidegger descobriu que: “(...) *o que para a fenomenologia dos atos conscientes se realiza como o automostrar-se dos fenômenos é pensado mais originariamente por Aristóteles e por todo o pensamento e existência dos gregos como Alétheia, como desvelamento do que se pré-senta, seu desocultamento e seu mostrar-se. Aquilo que as Logische Untersuchungen redescobriram como a atitude básica do pensamento revelou-se como o traço fundamental do pensamento grego, quando não da Filosofia como tal.*” Cf. HEIDEGGER, M. *Meu caminho para a fenomenologia*, São Paulo: Ed. Abril, 1973, p.498.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 330-346
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------